

Petras

AINDA UM CONGRESSO

Sergio Buarque de Holanda

A propósito de algumas observações, nem sempre irrestritamente favoráveis que se publicaram aqui mesmo sobre o Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia, já tive ocasião de abordar os comentários que lhes dedicou um dos expoentes mais ilustres daquela reunião.

Partindo de uma atitude naturalmente avessa a toda metafísica, e adepto além disso de métodos que visam a fundar o pensamento filosófico e científico sobre uma rigorosa análise lógica, o sr. Eurialo Canabrava representa, sem dúvida, uma corrente das mais ponderáveis na moderna filosofia crítica.

Sua adesão a essa corrente implicou numa renúncia talvez penosa a velhos credos, que o tinham longamente distraído da luta contra os ídolos falazes e as mal fundadas devoções. E no fervor às vezes virulento com que hoje se apega aqueles métodos entra, talvez, uma dose de irritação compreensível em que se distraira em devaneios inúteis e precisa recuperar o tempo perdido. Aquiles teria sido menos impetuoso do que o foi, na sua arremetida final contra os divinos troianos, domadores de éguas, sem aquela teimosa e surda ociosidade que o retivera nas

barracas dos mirimídões. Assim acontece com demasiada frequência que algumas das nossas mais denodadas convicções não passem, no fundo, de combates interiores, e cuidando investir contra erros alheios é contra nós mesmos, contra nossas ilusões perdidas, jamais inteiramente perdidas, que de fato vamos pelejando.

Deve-se dizer dessa cordialidade que aproxima hoje o sr. Canabrava dos imperativos da indagação e fundamentação lógica, que não constituiu das notas dominantes na memorável assembléia de filósofos que se reuniu em S. Paulo. E se em certos casos isso se deveu a uma insuficiência própria de muitos daqueles filósofos, à "imaturidade alarmante" que julguei vislumbrar nas suas teses, em outros — creio que na maioria — proveio sem dúvida das próprias doutrinas professadas por eles, doutrinas estas que não situam o rigor lógico à base das suas construções.

É o caso, talvez, do blondelismo, o credo perfiliado por um dos meus antagonistas e "defensores" do Congresso. Sabe-se que, segundo esse credo, a Ação é, em suma, inseparável do Pensamento: conceber é ter agido, é agir ainda, é dever agir para o futuro. Mas a solução da antinomia aparente entre o pensar e o agir ainda, é dever agir para o tal, quando muito um esforço de síntese que não tende facilmente a satisfazer os partidários de um raciocínio lógico muito rigoroso. Para Blondel esse raciocínio é comparável ao labor do sábio, que diseca os órgãos, que analisa os tecidos e que descreve a anatomia do esqueleto, mas não dá o passo ou o salto necessário para compreender as funções vitais e espirituais. É que sua filosofia, antes e acima de tudo, é uma filosofia da transcendência.

Não me parece o papel do crítico que aspire a uma imparcialidade talvez irrealizável, pronunciar-se por esta ou aquela entre as doutrinas em debate. Se tentei oferecer reservas á tese de um dos filósofos que se confessa adepto do blondelismo, não foi por amor ou rancor a esta doutrina, mas porquê, secularizando-a como quem não quer a tese em questão exprimiu com nitidez admirável um gênero de pensamento que, embora bastante frequente entre nós, aparece quase sempre dissimulado

nos escritos de autores menos ardentes ou mais arditos. Miope por natureza, só me apercebo de tais esquivanças onde elas são muito grossas ou poucos sutis. Aqui foi contra a falsificação inconsciente, e entretanto sintomática de uma doutrina, não foi contra a mesma doutrina que ousei endereçar algumas objeções.

Nunca a falsificação me pareceu mais gritante, com efeito, do que onde li que um filósofo, num congresso de filósofos, procurou defender semelhante doutrina com a simples alegação de que ela "convém" ao Brasil. Sempre julgara evidente que a finalidade própria da filosofia está no conhecimento da verdade e que a verdade, nesse caso, não se mede pela sua serventia. Uma "filosofia" apenas prestativa, não vejo como possa estar à altura desse nome.

ISTO não quer dizer, como leva a supor o sr. Alcântara Silveira, no artigo do suplemento de "A Manhã" onde responde brilhantemente às minhas contestações, que eu prefira quaisquer outros os "objetos de estudos sem qualquer finalidade, jogos de espírito sem nenhuma repercussão na vida espiritual do homem, etc., etc.". Pois foi, ao contrário, pelo apego a assuntos mais rasteiros que, embora "convidado a nele tomar parte", conforme observou, deixei de comparecer ao Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia. Por isso e ainda porque me sinto incompetente para os altos debates que se haveriam de esperar em uma tal assembléia.

No entanto alimento ainda suficiente respeito pela filosofia digna desse nome, e mesmo pela filosofia de Maurício Blondel, para tentar defendê-la contra o que me parecem suas deturpações, involuntárias ou não. Bem sei que, desde os sofistas e antes deles, sempre houve partidários de verdades mais ou menos políticas e míticas, e que há ainda hoje os adeptos de verdades históricas, geográficas, raciais, nacionais, provinciais, boas para determinada época, eficazes para determinado regime, adequadas para este ou aquele povo.

Sei também, por outro lado, que Blondel não pertence e não quer pertencer a esses. Ele declarou, como lembra o sr. A. S., que aspirava a uma filosofia "de plein air", mas acrescentou, logo em seguida: "que possa ser tão respirável no século vinte e cinco como

(Conclui na 10ª. página)

Continua no verso

★
AINDA UM...

(Conclusão)

o teria sido no segundo ou no décimo segundo, e que só espera encontrar o atual depois de procurar o eterno, sempre oportuno, mesmo ou sobretudo quando pareça inatural”.

Cita ainda o autor um longo trecho do Itinerário Filosófico, onde, falando a Frédéric Lefèvre, o filósofo procura sugerir como as suas teses, inteiramente especulativas na aparência têm, no entanto, um interesse imediato, decisivo, constitutivo para diferentes atividades, inclusive para a cooperação internacional. Essas e outras palavras aparecem, com efeito, à página 272 do Itinerário, mas não vejo como autorizem a interpretação que lhes quer dar seu interprete brasileiro.

E' normal que um filósofo, por mais avesso ao século e ao mundo (e não é a rigor o caso do Blondel), seja sensível às repercussões de suas idéias para além do domínio puramente especulativo. E as palavras citadas respondem, aqui, precisamente ao receio expresso por Lefèvre onde pergunta se o filósofo se desinteressaria

das consequências práticas de suas idéias. Pergunta esta relacionada, por sua vez, às palavras de Blondel onde dizia, citando Spinoza, que a própria verdade, e só ela, é luz e norma da verdade. A idéia mostra de sua filosofia é a exprime dizendo que tudo parece produzir-se de baixo para cima, quando o contrário é que se dá em realidade. Nada seria cognoscível, nem real, ao seu ver, se todas as coisas não fossem atraídas a uma assunção.

Pode-se lembrar ainda como Blondel justifica sua repulsa a William James dizendo que este não entrevira que o segredo do destino humano é inacessível através de um inquérito “nas coisas do tempo e do espaço”. E como critica em Bergson certa idéia da inteligência e da ação que nos orienta para uma espécie de “temporalismo espiritual e naturalista ao mesmo tempo”, assim como o fato de não desaprovarem as interpretações dadas por Georges Sorel de uma filosofia onde, felizmente, nem todos vêem o evangelho da “ação direta”. E assim, ao futurismo bergsoniano quer opôr o que chama seu eternismo.

Mas esse mesmo eternismo irá dissipar-se sem remédio nas mãos daqueles que nele vislumbram apenas o que proporcionaria de conveniente, confortante e prestimoso. E uma filosofia onde se acentua expressamente o caráter “transnatural” de nosso destino vê-se convertida, assim, em uma espécie de milícia.

E' significativo, além disso, que não tendo encontrado, numa das obras de Blondel que eu invocara,

nenhuma condenação expressa às filosofias convenientes, meu prezado crítico acrescenta textualmente: “mesmo que Blondel houvesse dito algo a respeito, pouco valeria essa opinião, expressa num livro não escrito sob encomenda, quando a sua filosofia é um desmentido a essa afirmação”. Por onde se vê como a própria espécie de milícia pode converter-se ao cabo, em uma espécie de mercancia.

Para remessa de livros: Rua Haddock Lobo, 1625 (São Paulo).